

DIÁRIO DE BORDO

UM ANO DE GRANDES AVANÇOS

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) e presidente da Academia Brasileira de Ciências Agronômicas (ABCA)

PARA CONTRIBUIR com a construção de métricas e metodologias brasileiras que permitam aos nossos setores público e privado uma participação consistente e com base científica nas discussões internacionais a respeito das mudanças climáticas, do uso da terra e da biodiversidade, a FGV criou, há um ano, o seu Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia (OCBio).

O foco principal do Observatório é analisar as diferentes formas de medir as emissões de gases do efeito estufa, uma vez que cada região tem uma realidade diferente, que foi construída, em boa parte, sobre ciência e tecnologia desenvolvidas no passado. E o processo de descarbonização deve ser avaliado a partir dessas diferenças: um bovino criado em prédios fechados em um país frio emite muito mais metano do que um semelhante seu criado a pasto, cuja vegetação sequestra carbono.

Para cumprir a sua missão, o OCBio foi estruturado em três componentes centrais: o científico, responsável exatamente pela metodologia e pelas métricas quantificadoras da pegada de carbono; o econômico, que deve estimar os custos e as oportunidades de retorno; e o jurídico, essencial para interpretar as regras estabelecidas no exterior que estruturam os modelos da transição e definir as nossas próprias.

Para bem cumprir essa complexa e utilíssima missão, a FGV instalou o OCBio no FGV Agro, da Escola de Economia de São Paulo (FGV EESP) – sob a gerência da engenheira-agrônoma Cecília Fagan Costa –, onde foi constituída uma equipe de alto nível técnico-científico, com a coordenação do cientista Daniel Vargas. Esse time superqualificado mergulhou em um intenso trabalho, cujo resultado espetacular se traduziu – em apenas um ano de atividades – em 12 estudos já publicados, 7 boletins setoriais especializados, 10 *newsletters* e 6 notas técnicas.

Todo esse impactante material pode ser verificado – e é altamente recomendável que o seja – acessando o seguinte site: https://eesp.fgv.br/centros/observatorios/bioeconomia.

Além disso, foram realizados 8 seminários acadêmicos, 8 *webinars* e 1 curso (denominado "Mensuração de carbono na agricultura e pecuária"). Foi criado o Dashboard sobre Precificação de Carbono, com informações globais acerca da taxa e do mercado de carbono, e o Núcleo de Direito realizou dois encontros ao longo desse primeiro e frutífero ano.

Já neste ano, o OCBio buscará aprofundar os estudos sobre metodologias, métricas e parâmetros adaptados às economias em desenvolvimento, em especial nos climas tropicais e subtropicais. Para isso, serão consideradas as particularidades dos nossos setores produtivos em cada região do País.

Assim, o Observatório contribuirá efetivamente para que as nossas autoridades constituídas possam discutir com propriedade científica e competência a agenda das mudanças climáticas e da transição sustentável, orientando as políticas públicas e as negociações internacionais. Não precisaremos engolir as métricas de fora, sobretudo de países temperados.

Evidentemente, o OCBio não tem a pretensão de ser o "dono da verdade" em tão complexos temas. Mas espera dar a sua contribuição consistente ao lado de outras instituições que militam no setor, como a própria Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), as universidades e as academias devotadas à defesa dos legítimos interesses nacionais. ■

"...um bovino criado em prédios fechados em um país frio emite muito mais metano do que um semelhante seu criado a pasto, cuja vegetação sequestra carbono."